



<https://doi.org/10.51880/ho.v27i01.1362>



A tiktokização das narrativas orais: discutindo práticas caseiras de produção de memória em plataformas digitais

Valdemir Soares dos Santos Neto*

ORCID iD 0000-0003-2512-1100

Universidade do Sul de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Tubarão, Brasil

Mário Abel Bressan Júnior*

ORCID iD 0000-0002-8309-1723

Universidade do Sul de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Tubarão, Brasil

Resumo: Neste estudo, buscou-se refletir de que maneira os relatos orais podem ser compreendidos nas práticas caseiras de produção de memória, sobretudo, nos modos de produção e circulação desses registros no âmbito da cultura da convergência midiática. Tomamos, como delimitação do nosso objeto de análise, a plataforma de vídeos, TikTok. Notamos que a plataforma tem se tornado um subterfúgio para diversos usuários, funcionando como um local de memória. Para nortear essa discussão, adotou-se um tom ensaístico, utilizando um encadeamento de fatos empíricos que possibilitasse tecer determinadas provocações, de modo a pensar na democratização de processos e práticas de produção e circulação da memória em espaços convergentes. Neste trabalho chamamos atenção para um tipo particular de produção de memória: o relato de pessoas idosas sobre suas vivências. As balizas teóricas deste estudo se respaldam em um aporte teórico transdisciplinar, convergindo com os estudos sobre memória e convergência midiática. Com base na discussão articulada com os objetos apresentados, os autores acreditam ser necessário problematizar com mais densidade a questão das práticas caseiras de produção e circulação da memória, bem como os modos como o indivíduo produz e consome memória e compartilha suas lembranças, no âmbito das redes sociais.

Palavras-chave: Convergência midiática. Memória social. História oral. TikTok.

* Mestre e Doutorando em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul). E-mail: valdemirnetto@gmail.com.

* Doutor em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professor no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul). E-mail: marioabelbj@gmail.com.

The Tiktokization of oral narratives: discussing domestic memory production practices on digital platforms

Abstract: In this study, we aimed to reflect on how oral reports can be understood within the context of home-based memory production practices, particularly focusing on their modes of production and circulation in the context of media convergence culture. To delimit our object of analysis, we selected the video platform TikTok. We have observed that the platform has become a refuge for many users, serving as a repository for memories. To guide this discussion, we adopted an essayistic tone, using a series of empirical facts to facilitate certain provocations aimed at contemplating the democratization of processes and practices related to memory production and circulation in convergent spaces. In this work, we draw attention to a specific type of memory production: oral narratives from elderly individuals about their life experiences. The theoretical framework for this study is rooted in a transdisciplinary theoretical approach that converges with studies on memory and media convergence. Building upon the discussion articulated with the presented objects, the authors believe that it is necessary to delve deeper into the question of home-based practices related to memory production and circulation, as well as examining how individuals produce, consume, and share their memories within the realm of social networks.

Keywords: Media convergence. Social memory. Oral History. TikTok.

Introdução

Com o avanço tecnológico e das mídias e, sobretudo, com a descentralização das ferramentas e recursos informacionais, observamos nos últimos anos o surgimento de plataformas como o Family Search e o My Heritage, fontes de informação genealógica aberta disponíveis na internet, responsáveis por ajudar famílias a se reconectarem com o passado, além de numerosos blogs dedicados às histórias de famílias que auxiliam também nesse processo de compreensão do passado, na catalogação de documentos e na produção de registros orais e audiovisuais sobre os relatos de seus antepassados.

O sucesso global da plataforma de vídeos YouTube também possibilitou que os recursos audiovisuais no empreendimento das narrativas orais fossem documentados em decorrência das práticas de arquivamento em nuvem, graças à tecnologia de vídeo *on demand*. Nota-se, nesse sentido, uma descentralização no acesso à informação e dos modos de produção e circulação de conteúdo.

No contexto da plataformização, as redes sociais tornaram-se locais interessantes para que a oralidade adentrasse em novos espaços, ganhasse novos contornos e nos permitisse a compreender o passado a partir desse confronto com o tempo presente. De memórias negligenciadas, passamos para um cenário em que os usuários começam a se apropriar dos meios e dos suportes tecnológicos convergentes para contar e recontar suas histórias, relatos, casos, experiências para novas audiências, direcionada a novos espaços, sem qualquer restrição ou cerceamento. Entretanto, para além das práticas caseiras de produção de memória, devemos pensar, especialmente, nos processos de

circulação desses conteúdos no contexto da convergência midiática e da cultura da conexão (Jenkins, 2004; 2009).

Neste estudo, tomamos como delimitação do objeto de análise a plataforma de vídeos TikTok. Notamos que o TikTok tem se tornado um subterfúgio para diversos usuários, funcionando como um espaço interessante para compartilhamento e evocação de memórias. Na plataforma, os usuários depositam registros de relatos sobre suas vivências, lembranças e experiências cotidianas. Com o suporte midiático, as narrativas orais agora são “catalogadas” pelo próprio usuário e disseminadas nessa rede, promovendo uma espécie de socialização de suas lembranças, num processo dinâmico e contínuo.

Sob a perspectiva dos estudos de memória, esses movimentos realizados pela cultura participativa, como defende Jenkins (2004; 2009), merecem destaque dentro de nossas abordagens nessa interface com os estudos sobre memória, História Oral e a cultura digital, de maneira a compreendermos como as práticas mnemônicas podem ser repensadas pelas abordagens acadêmicas, enquanto um movimento legítimo do próprio indivíduo na compreensão do tempo presente sob as narrativas do tempo passado. Por tratar-se de um movimento recente, faz-se necessário discorrer a respeito desses movimentos como um esforço empírico inicial desta investigação, a qual nos oportunize lançar novos olhares sobre essa prática no contexto dos estudos sobre produção de memória no domínio das plataformas digitais.

No âmbito da cultura da convergência midiática, veremos que a compreensão das narrativas orais, sob uma perspectiva empírica, compreende outros aspectos interessantes e, por evidência, oportunos para a compreensão de nossas identidades. Nesse sentido, a produção e disseminação de narrativas orais no TikTok trata-se de um fenômeno oportuno para problematizarmos essas relações.

Com base nesse enquadramento, buscamos refletir, neste trabalho de que maneira podemos perceber a História Oral nas práticas caseiras de produção de memória, sobretudo nos seus modos de produção e circulação desses registros no âmbito da cultura da convergência midiática. Para a realização deste estudo, aproximamo-nos de um tom ensaístico, utilizando um encadeamento de fatos empíricos, o qual nos possibilitasse tecer determinadas provocações, de modo a pensar na democratização de processos e práticas de produção e circulação da memória em espaços convergentes. Sob essa premissa, buscamos nos desvencilhar de um *modus operandi* de produção de memória pautada pelo rigor metodológico, pelo controle do pesquisador nos processos de obtenção dos dados à luz dos preceitos teórico-metodológicos História Oral, permitindo-nos pensar o papel do sujeito enquanto o próprio produtor de memória.

As balizas teóricas deste estudo se respaldam sobretudo nos âmbitos dos estudos sobre memória, a partir das perspectivas teóricas de autores como Pollak (1992), Huyssen (2000) e Halbwachs (2003). Areladas a essa corrente teórica, nossas divagações percorrem os desafios e as possibilidades atribuídas nesse processo de produção de memória descentralizado e autônomo, a partir do uso das ferramentas convergentes,

que podem ser úteis nessa retomada do passado no tempo presente. Para isso, nossos olhares também são influenciados por autores como Jenkins (2004; 2009) do âmbito dos estudos sobre convergência midiática.

As narrativas orais nos estudos de memória

Desde meados dos anos 1980, os estudos sobre memória mobilizam diversas discussões a respeito dos métodos e técnicas utilizadas na compreensão da história e da memória. Nesta direção, um dos objetivos da História Oral consiste na compreensão de fatos, lembranças, perspectivas que os diferentes grupos sociais constituem sobre o passado, visto que os documentos formalizados parecem não dar conta dessas lacunas (Portelli, 1996).

É de conhecimento que os aspectos subjetivos da memória, negligenciados substancialmente em diversos contextos culturais, sociais e políticas, estiveram à deriva no contexto historiográfico (Pollak, 1989; Huyssen, 2014). A compreensão do nosso passado torna-se possível graças ao empreendimento desses fatos e registros que nos possibilitam ler o tempo presente. Ora, não há passado sem tempo presente. Afinal, conforme bem explicita Pollak (1992), é o tempo presente o motor necessário para o empreendimento do passado – como também do tempo presente.

A memória, de acordo com Pollak (1992), trata-se de um fenômeno individual, mas, igualmente, coletivo. Ao longo da vida, o indivíduo constrói e adquire experiências particulares à sua maneira, como também vivenciadas dentro dos chamados “quadros de referência”, como atribui Halbwachs (2003). Enquanto indivíduos pertencentes a uma determinada cultura, transitamos em diversos grupos, os quais Halbwachs (2003) argumenta que esses são responsáveis por manter vivas as lembranças existentes dentro daquele quadro.

Na corrente de pensamento desses autores, nota-se um certo conformismo ao entenderem que a memória se configura como um fenômeno social, atuando no processo de constituição e manutenção de nossas identidades. Somos o que somos graças à memória. Nos situamos enquanto indivíduos em sociedade, nas nossas relações com os membros dos quadros de referências dos quais fazemos parte em função desse princípio norteador que a memória desempenha nos modos de organizar as nossas vivências, nossas ações e nossas projeções em relação ao futuro. Para Huyssen (2000), não existe uma sociedade sem memória; todas as ações perpassam pela memória. Sendo assim, podemos considerar que, de tal forma, a memória organiza a realidade.

Acontece que, com o advento das tecnologias, Huyssen (2000; 2014) acredita que passamos a vivenciar um paradoxo colossal em nossas relações com a memória. Sob determinada perspectiva, torna-se perceptível que o avanço da técnica possibilitou que novas formas de se preservar o passado fossem repensadas. Na cultura contemporânea,

documentamos o nosso próprio presente, graças à técnica e à máquina, nas quais confiamos e nos apropriamos para catalogar as nossas ações, nossos movimentos no espaço e no tempo. Os registros de família, por exemplo, como as fotos de batismo, os vídeos de casamento, são objetos (sejam físicos ou digitais) que nos ajudam a retornar ao passado, reconstituir os traços de nossas lembranças no tempo presente.

Ao rever imagens e vídeos de determinados acontecimentos, esses nos ajudam a relembrar as vivências anteriores que tivemos. No entanto, o acionamento dessas lembranças só é possível porque existe um esforço da memória em retrabalhar essas lembranças e enquadrá-las no tempo presente, de acordo com a realidade. A nossa consciência sobre essas lembranças não pode ser entendida como um fato concreto, uma lembrança calçada puramente no passado (Halbwachs, 2003). A leitura que o indivíduo tece sobre o seu passado se concretiza no instante em que o mesmo se encontra afetado – pelos fatores sociais, culturais, os quais o indivíduo constitui ao longo de sua existência (Halbwachs, 2003; Le Breton, 2009).

Entretanto, por outro ângulo, veremos que, na medida em que as ferramentas tecnológicas possibilitam novas formas de preservação do passado, auxiliando-nos *a posteriori* nesse processo de rememoração, vivenciamos também uma espécie de “síndrome da memória”, em que o medo do esquecimento do nosso passado emerge na mesma intensidade em que passamos a preservá-lo (Huyssen, 2000). À velocidade em que os dados de nossas vivências são catalogados por essas plataformas digitais, nos tornamos também mais seletivos em relação ao que devemos compreender e esquecer.

Conforme argumenta Pollak (1992), a produção de memória está ligada às condições e às dinâmicas sociais. Nem todos os fatos vivenciados são empreendidos pela memória; o excesso implica no esquecimento, tendo em vista que a nossa memória é seletiva – recalca, exclui, seleciona (Pollak, 1992). Enquanto determinadas lembranças comportam um valor muito mais afetivo, outras são simplesmente recalçadas – por possuir valor algum ou por serem silenciadas em função de fatores extrínsecos ao indivíduo.

De acordo com Pollak (1989, p. 204), a memória “sofre flutuações, que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória”. Tal fato implica que, a cada vez que as lembranças são acionadas, o indivíduo sempre fará novas leituras e reconstituirá essas memórias com base em seu repertório social e cultural e, principalmente, a partir da perspectiva dos seus quadros de referência (Halbwachs, 2003). Este é um ponto importante para pensarmos a memória, visto que, em virtude de seu caráter efêmero, lemos as nossas lembranças sempre a partir desse confronto com o tempo presente.

Nessa direção, um dos grandes questionamentos por parte dos estudiosos em relação à memória são as chamadas memórias subterrâneas (Pollak, 1989). Quando se discute a questão da ditadura militar, por exemplo, notaremos que muitas memórias silenciadas, como tática de subversão às lembranças daqueles que vivenciaram esse

período histórico, funcionam como forma de apagamento, silenciamento dessas lembranças. Quaisquer manifestações da memória em oposição às narrativas oficiais do governo deveriam, portanto, ser silenciadas, apagadas. São memórias que “não possuem legitimidade”, e que por muito tempo foram esquecidas de maneira intencional, de forma a não se contrapor às chamadas “memórias oficiais” (Pollak, 1989). Entretanto, tornar essas memórias visíveis requer pensar em técnicas e métodos, que possibilitassem empreender essas lembranças recalcadas, silenciadas.

Para tornar visível essas lembranças, a História Oral se constituiu nesse cenário como um campo de estudo denso e profícuo, problematizando e oportunizando métodos e processos que nos auxiliassem nessa compreensão do passado. Numerosas pesquisas que adotam os métodos mobilizados pelo âmbito da História Oral tornaram-se importantes para que alcançássemos novas formas de discutir e refletir a contemporaneidade ao regressarmos ao passado. No entanto, cabe destacar que, quando se trata do uso de métodos e ferramentas digitais utilizados na obtenção dos relatos orais, não existe uma conformidade estrita entre os pesquisadores da área acerca desse entendimento.

Para Yow (2014), ainda que constatem um avanço substancial nos modos como os métodos digitais ampliaram as possibilidades de se documentar a oralidade, existem fatores e circunstâncias que o ambiente digital parece não comportar. Para a autora, ganha-se mais facilidade e autonomia ao pesquisador, mas perdem-se aspectos qualitativos vitais que podem comprometer a profundidade e a qualidade dos dados coletados. Existem fatores que fogem ao controle do pesquisador (questões técnicas, domínio da ferramenta, entre outros). Contudo, para além disso, a autora destaca que há também uma fragilidade na relação entre pesquisador e entrevistado nessa interação. Pires Ferreira (1997, p. 66) destaca que “a grande riqueza da história oral é a comunicação em presença, a energia, o envolvimento multissensorial que inclui, entre outras, a categoria da fascinação”.

Entretanto, nos últimos anos, o uso das ferramentas digitais tem propiciado diálogos interessantes e bastante promissores no âmbito da História Oral. A pandemia de Covid-19 parece ter intensificado os debates sobre o uso de métodos e ferramentas digitais no contexto da História Oral face aos desafios eminentes para repensarmos nas práticas de produção de memória em um contexto tão desafiador (Silva, 2022).

Evidentemente, mais do que problematizar o uso dos métodos digitais pelos pesquisadores na obtenção dos relatos orais, tem-se o questionamento: e se essas ferramentas, que agora encontram-se à disposição dos usuários, fossem empreendidas de maneira autônoma e independente no empreendimento de suas lembranças? Com base nessas reconfigurações e nesse interesse do indivíduo em retornar ao passado, buscaremos, a partir dessas reflexões, lançar um olhar para as práticas de produção de memórias caseiras, produzidas por usuários autônomos, inseridos dentro da cultura da convergência midiática.

Convergência midiática e as práticas de produção de memória

A convergência dos meios de comunicação ampliou o acesso do usuário aos modos de produção, catalogação e circulação de memória. Para compreender a questão das práticas de produção de memória, faz-se necessário que reconheçamos a convergência midiática como uma extensão do próprio indivíduo em relação aos meios, como defende Jenkins (2004; 2009). Os meios atuam como forma de mediação desses indivíduos e, nessa perspectiva, repensar o(s) método(s) também se faz pertinente para acompanhar as transformações do ser humano em relação ao seu meio e os modos particulares como os indivíduos se apropriam das mídias para partilhar seus relatos e refletir sobre eles.

Com o avanço tecnológico e das mídias e, sobretudo, com a descentralização das ferramentas e recursos informacionais, vemos reconfigurações substanciais nos modos de produção da memória, na medida em que o próprio indivíduo agora reivindica instrumentos, suportes e plataformas digitais para se fazer notado e compreendido nesta cultura da conexão (Jenkins; Green; Ford 2015). As redes sociais tornaram-se importantes aliadas na “musealização” do nosso passado, em alusão a Huyssen (2000). Dentro dessas condições, segundo Jenkins, Green e Ford (2015), na atual cultura da conexão, tais reconfigurações agora permitem que os indivíduos dessa cultura participativa se tornem, também, responsáveis por deter o controle dos meios de produção e difusão de conteúdos para além de instâncias reguladoras, tais como organizações e instituições comprometidas com a conservação das memórias.

Silva (2009, p. 132) reforça que “a ação dos meios de comunicação, nas últimas décadas do século XX, influenciou poderosamente nas maneiras de apropriação e percepção do real”. No entanto, para além disso, a autora reforça como a mídia se coloca enquanto um instrumento de produção e difusão de conhecimento, responsável por influenciar e alimentar discursos históricos para além do próprio campo científico. Nos dias atuais, a mídia, nesse caso, não se restringe apenas às indústrias midiáticas, que agora se descentralizam com a disseminação das plataformas digitais.

Nesse sentido, o que estamos evidenciando neste trabalho é que, em função dessas novas dinâmicas de produção e circulação de conteúdo, possibilitadas pela descentralização das ferramentas e técnicas de produção, atravessamos um momento oportuno para questionar a produção de memória sob o domínio do próprio usuário no âmbito das redes sociais – entendida neste trabalho como uma prática caseira, autônoma, independente. Todavia, não somente à produção de memória, sobretudo aos modos de compartilhamento desses registros dentro das plataformas digitais e como esses processos nos ajudam a lembrar.

Em função dessa atual gramática das redes sociais apontada por Jenkins (2009), fica evidente um interesse do próprio indivíduo em relação ao seu passado, no controle dos processos de produção, catalogação e compartilhamento dos registros que compõem

suas histórias, mas também os relatos de seus familiares, da comunidade em que vive, transformando esses relatos em documentos.

Para Rota e Nicodemo (2023), a própria noção do que entendemos como documento, isto é, daquilo que pode ser utilizado enquanto um documento histórico, reconfigurou-se ao longo dos últimos anos, em função das transformações tecnológicas que dão condições de existência para a existência do arquivo na contemporaneidade. Segundo a reflexão apresentada pelos autores, a plataforma X (antigo Twitter), rede social de texto, pode ser compreendido dentro desse entendimento enquanto um espaço cibernético no qual o próprio sujeito produz suas subjetividades, produz dados que passam a ser informatizados, permitindo o “arquivamento” dos fatos e acontecimentos que perfazem a vida cotidiana. Nesse entendimento, amplia-se as possibilidades de produção de memória, ou dos dados informatizados, que podem ser acessados e rememorados a qualquer instante.

A leitura que fazemos desse movimento, com base nos escritos de Huyssen (2000), é que a síndrome da memória observada pelo autor também se faz presente na contemporaneidade. O medo do esquecimento emerge como uma problemática importante para as sociedades contemporâneas, mobilizando o sujeito em múltiplas direções na compreensão de seu(s) passado(s). Para esses indivíduos, o passado surge como um referencial, um ponto de ancoragem.

Bauman (2017) descreve esse atual momento da nossa sociedade como uma epidemia global de nostalgia. As incertezas sobre as instituições, sobre os processos culturais, éticos e sociais vigentes nas sociedades contemporâneas trouxeram mudanças que se fortaleceram e se intensificaram ainda mais com esse choque em relação ao futuro. Dentre essas mudanças, basta observarmos a força do apelo à memória afetiva na televisão, na publicidade, no cinema, no cooptação do passado e na busca por um sentido nostálgico (Santos Neto; Bressan Júnior, 2022).

Partindo dessa premissa, parece-nos compreensível que o uso das redes sociais por parte do indivíduo em relação ao testemunho de seu próprio passado advenha, em determinado momento, da incessante busca pelo engajamento, capaz de canalizar seus esforços de compreensão de sua própria história. Com a possibilidade de monetização, as plataformas digitais buscam meios para manter seus usuários ativos e engajados, de modo que esses venham a produzir ativamente conteúdos para os seus perfis na rede social.

Entretanto, ainda que debatamos sobre essa possibilidade de “monetização da oralidade”, não podemos menosprezar que se trata de fenômenos importantes, no que concerne à produção e à circulação da memória nas plataformas digitais. Ora, nem todo empreendimento do passado por parte dos usuários advém de uma premissa exclusivamente ligada à cultura da viralização e do engajamento. Nesse sentido, acreditamos que tal enquadramento não deve ser entendido como uma retransmissão responsável por inviabilizar os nossos esforços na compreensão crítica desses fenômenos contemporâneos.

Assim, para compreendermos esse movimento por parte dos usuários, buscaremos no próximo tópico, tecer algumas reflexões sobre os processos de produção e circulação de memória no contexto das plataformas digitais, tendo como recorte produções audiovisuais disponíveis no TikTok.

A tiktokização das narrativas orais: práticas caseiras de produção da memória no TikTok

Dentre o *boom* das plataformas de interação social que ganharam força na última década em escala global, destacamos o TikTok – plataforma de vídeo, de origem chinesa. No aplicativo, os usuários compartilham instantaneamente vídeos curtos ou longos, os quais são disseminados globalmente, sem restrição, com outros usuários. São diversos os tipos de conteúdos produzidos pelos usuários da plataforma. Tendo em vista o foco dessa discussão, o ímpeto de nossa análise incide, especificamente, nos conteúdos em que o usuário emprega as suas competências midiáticas na produção de conteúdos para registrar, catalogar e difundir os relatos de seus familiares nas redes sociais, em virtude do recurso audiovisual e da arquitetura informacional da plataforma, estimulando o compartilhamento e a disseminação desses conteúdos no fluxo da rede social.

Para contextualizarmos a nossa discussão, mobilizamos, para o campo de análise, alguns exemplos empíricos que possibilitam lançar uma perspectiva a respeito da História Oral no âmbito da cultura visual. Neste trabalho, chamamos atenção para um modo particular de produção de memória: o relato de pessoas idosas acerca de suas vivências. Conteúdos como esse têm ganhado destaque na plataforma, gerando a mobilização e curiosidade de pessoas mais novas em relação a essas narrativas, que agora circulam livremente na plataforma. Além disso, esses conteúdos estimulam a identificação de outros usuários com percepções similares aos fatos narrados.

Para a escolha desses conteúdos, o percurso metodológico adotado por este trabalho consistiu na criação de uma conta nova no perfil da plataforma, tendo em vista a lógica algorítmica de contas existentes, a qual poderia enviesar a coleta de dados. Após esse processo, iniciamos as nossas buscas com os termos “memória” e “relatos” e, assim, fomos averiguar ativamente os casos que tivessem relação com o nosso interesse de pesquisa.¹

Num primeiro momento, tomamos como objeto de análise o perfil do @joawanat no TikTok. Este é um exemplo de perfil, e que se soma a tantos outros, no qual a plataforma é utilizada como forma de socialização de lembranças com outros

¹ Para esta etapa, os vídeos foram analisados ostensivamente do ponto de vista das temáticas abordadas e, através de um resumo analítico dos conteúdos apresentados em cada vídeo, os autores selecionaram aqueles que tinham maior aderência à proposta deste trabalho.

usuários. No *frame* do vídeo abaixo (Figura 1), João aparece sentado em uma cadeira, sendo indagado pelo seu neto sobre suas percepções em relação à vida durante o período da ditadura militar nos anos 1960. Nesse vídeo, João responde uma pergunta feita por um usuário da própria rede social.



Figura 1 – Captura de tela do vídeo do perfil (@joaowanat.2
Fonte: TikTok (2023).

No vídeo, o neto pergunta: “Vô, como foi a vida na ditadura militar?”³ Prontamente, João responde: “Eu me lembro que era professor em Maringá [...] a gente tinha medo de um colega lá do meio do departamento que estava espiando a gente, a gente tinha que falar bem o que a gente fala”. Numerosos trabalhos evidenciam que a própria questão da ditadura no contexto brasileiro, por anos, fora vista como um tema controverso a ser discutido socialmente e historicamente, sendo negligenciada por diversas instituições (Rollemberg, 2006).

Com a democratização do acesso à informação, bem como aos dispositivos e às ferramentas para a produção de conteúdo, nota-se como o próprio sujeito afetado pela materialidade histórica agora reivindica esses espaços e reconstitui as suas lembranças no âmbito das redes sociais como um movimento legítimo e importante para a compreensão desse tempo sombrio. Graças aos movimentos sociais, organizados no fluxo da conversação em rede, observamos os relatos acerca de fatos e acontecimentos

² Disponível em: <https://www.tiktok.com/@joaowanat/video/7184474851879423237>. Acesso em: 5 abr. 2024.

³ Cabe ressaltar que o neto enuncia uma pergunta feita por outro usuário da plataforma.

que foram recalçados, silenciados ao longo do percurso histórico. Aliás, é sobretudo em decorrência da convergência midiática, a qual promove uma extensão do próprio sujeito.

Notamos aqui como o empreendimento do passado funciona como um estímulo ao produtor de conteúdo, na medida em que se observa um interesse notável por parte de seus seguidores em suas lembranças e percepções em relação ao passado. Nestas condições, a plataforma funciona e estimula a catalogação de lembranças, permitindo que os atos rememorativos circulem para além dos limites dos registros oficiais. O próprio usuário agora cataloga e empreende o seu próprio passado, suas lembranças, suas memórias, e as torna públicas com outros usuários em segundos.

Dentro desta nossa incursão, julgamos interessante observar que, junto com o relato do criador de conteúdo, outros usuários se integram a esse diálogo para partilhar suas próprias lembranças ou as chamadas memórias herdadas⁴ de seus antepassados em relação ao período da ditadura militar. Tal movimento indica que, para além da compreensão do relato de um sobrevivente desse período, veremos aspectos interessantes que demonstram como a memória gera esse caráter de identificação com os outros, como sustenta Pollak (1992).

O ato de socializar lembranças, por meio da oralidade, reflete um pensamento antigo de Benjamin: a relação entre a memória e a oralidade. Afinal, a História Oral se estabelece enquanto método graças ao entendimento da oralidade como fonte de compreensão do mundo. Embora as condições de enunciação observadas nesse tipo específico de produção, de memória em plataformas digitais, diferem-se dos modos de produção de memória pelos investigadores no âmbito da História Oral, todavia, não podemos deslegitimar essas lembranças em detrimento das lembranças que são advindas, propriamente, a partir dos esforços do pesquisador na obtenção desses dados. O que nos induz a reconhecer as idiosincrasias contidas nessas práticas e, assim, apontarmos as possíveis convergências e problemáticas, conforme sugere Joutard (2000).⁵

No caso dos vídeos do perfil supracitado, verifica-se como o usuário rememora com base em suas livres associações, sem que exista *a priori* um controle previamente ordenado no acionamento de suas lembranças. No perfil do criador de conteúdo, existem outros vídeos em que o mesmo relata, com base em suas lembranças, percepções

⁴ Trata-se de acontecimentos vividos por tabela, por outros membros de um determinado quadro de referência, e que são projetados, transferidos para outros indivíduos circunscritos dentro daquele grupo social. O indivíduo adquire, portanto, uma memória herdada de algo que não vivenciou, mas que constituiu como uma lembrança para si a partir do relato do outro.

⁵ Ao empreender sobre os desafios da História Oral no século XXI, Joutard (2000) defende que os estudiosos precisam estar a par das evoluções tecnológicas em relação às tensões entre a História Oral e os dispositivos e suportes de mídia. Segundo o autor, faz-se necessário um estado permanente de vigília com vistas a compreender as problemáticas, limitações e confluências possibilitadas por esses dispositivos. Embora o autor refira-se aos métodos empregados pelos pesquisadores “oralistas” no empreendimento das narrativas orais, acreditamos que tal pensamento pode ser estendido a essa ligação que fazemos entre o sujeito, a convergência midiática e os modos particulares e autônomos de produção de memória.

sobre outros momentos do seu próprio passado.

Na perspectiva antropológica, Le Breton (2009) aponta que a memória se desenrola a partir dessas associações afetivas que vamos constituindo com os fatos exteriores. O que implica concordar que as narrativas compartilhadas pelo usuário podem ser exploradas de outras maneiras, nas quais o pesquisador tenta, dentro de suas competências, analisar com certo rigor os lapsos de lembranças e o silenciamento, ou seja, aquilo que não foi dito, a repetição e outros elementos constitutivos ao processo rememorativo. No caso de quem produz esses conteúdos para a rede social, verifica-se que esses fatores parecem não ser considerados para efeitos de compreensão do passado.

Ora, evidentemente que precisamos reconhecer que existem diferenças nos modos como esses discursos são enunciados em decorrência dos momentos particulares em que as lembranças são externalizadas pelo usuário. A própria postura de quem enuncia em relação às suas memórias pode ser “regulada” dada à forma como o indivíduo baliza as suas ações nesse exercício de rememoração, por questões como: o controle do tempo de seus discursos, a tentativa de controle da linguagem, a interação com o interlocutor etc.

Outro aspecto a ser levado em consideração nesta investigação são as temáticas abordadas por esses usuários. No caso do vídeo de @joaowanat, ao discorrer sobre a ditadura, sabemos que esta se trata de uma temática sensível. Num sentido amplo, temáticas sensíveis que envolvam temas complexos, como política, frequentemente tendem a mobilizar comentários negativos, como também infringir as regras da própria plataforma. Nessa direção, se o conteúdo gerado dessas gravações, por exemplo, não estiver em consonância com as políticas de conteúdo e privacidade da plataforma, subentende-se que, dificilmente, esses materiais estariam sendo produzidos e difundidos pelo usuário. Aqui apontamos mais uma problemática decorrente da intencionalidade desse tipo de fonte. Além disso, poderíamos discutir e problematizar, sobretudo, a autorregulação das próprias plataformas na entrega desses conteúdos, a partir de suas lógicas algorítmicas, dado aos comentários atribuídos pelos seus usuários, ao incitar discursos de ódio, por exemplo.

Essas são algumas das problemáticas encontradas nesse tipo de prática de produção da memória caseira produzida pelo próprio usuário, ciente de que essas ações podem comprometer (e certamente comprometem) os modos como as memórias são acionadas no tempo presente, bem como provocar desvios nas lembranças evocadas pelo usuário. Compreender a memória nem sempre configura um trabalho fácil. Ora, como bem defende Halbwachs (2003), as nossas lembranças não se conservam em lugar algum do nosso corpo e do nosso espírito. A reconstituição de memórias perpassa diversos fatores – e neste estudo evidenciamos como a cultura digital se atrela a esses fatores.

Como vemos nos comentários da Figura 1, outros usuários relembram momentos semelhantes ao compartilhado pelo criador de conteúdo. Nesse espaço, nota-se um

sentimento de pertença, de coletividade que provoca nesses usuários uma sensação afetiva prazerosa, a sensação de partilharem as mesmas lembranças e terem vivido a mesma época. Para Pollak (1992), a memória está diretamente ligada à identificação dos indivíduos em relação às lembranças constitutivas dentro de um grupo social. Para Oliveira e Bertoni (2019, p. 251) “pode-se afirmar que a memória coletiva se configura em uma relação consensual”, e reforçam que a memória coletiva “se dá no momento em que componentes unificadores desses grupos se confluem de tal forma que são capazes de superar as próprias divergências, ao passo que isso mesmo revela uma identidade grupal, embora se perceba a existência de diversos grupos”.

Durante nossas buscas na plataforma, foram encontrados dois perfis que utilizam as expressões “avô” e “vó”. À esquerda (na Figura 2), vemos seu Josué, e à direita, Vó Senhora. Nesses dois casos, observamos que ambos os atores sociais partilham registros aleatórios sobre suas vivências e, do lado da câmera, indícios indicam que os netos são os responsáveis por documentar e compartilhar esses registros.



Figura 2 – Captura de tela dos vídeos dos perfis @nossoavojosue e @rbreal.

Fonte: TikTok (2023).

Aos 81 anos, Josué compartilha no perfil @nossoavojosue relatos de suas vivências. Nesse movimento de empreendimento de suas lembranças, é possível que estejamos testemunhando lembranças ainda não contadas, e que estiveram parte do tempo recalçadas. No ato da produção, graças ao compromisso de quem filma e estimula esse diálogo com o interlocutor, o usuário cataloga o registro de relatos e fatos, que

podem ter sido silenciados – não somente por omissão, todavia, também pela falta de oportunidade desses indivíduos em externalizar essas lembranças com outros ao seu redor.

No vídeo,⁶ de aproximadamente 2min30s, vemos como Josué se reporta ao seu passado em um estado contemplativo ao situar que os “tempos mudaram”. O neto questiona Josué sobre as diferenças entre o mundo contemporâneo e o vivido por Josué: “as coisas hoje em dia *mudou* muito, né? Na sua época que você trabalhava como era a sua rotina?”. Esse movimento do entrevistador estimula Josué a relembrar suas vivências, a vida “raiz” no campo. São lembranças que são acionadas e socializadas à medida que o interlocutor, o neto de Josué, questiona e demonstra-se interessado em seus relatos.

No espaço destinado aos comentários, expressões como “Linda Histórias pra ser ouvida Coisas boas do passado” e “Esse é uma lição de vida, simpatia pura” evidenciam também como essas lembranças afetam outros usuários, despertam a curiosidade sobre esses relatos acerca desse passado. São manifestações que reforçam como a plataforma desempenha um papel importante na socialização desses relatos com outros usuários; dentro dessas condições, os relatos orais parecem ganhar novos horizontes e novas audiências.

No caso do perfil de “Vó Senhora”, de 95 anos, administrado pelo neto, são aproximadamente 4,5 milhões de seguidores, somente no TikTok. No vídeo a seguir (Figura 3), a vó senhora conta um caso sobre uma parteira.⁷ O vídeo contabiliza 2 milhões de visualizações, com aproximadamente 100 mil curtidas.



Figura 3 – Captura de tela e comentários do vídeo do perfil @rbreal.
Fonte: TikTok (2023).

⁶ Disponível em: <https://www.tiktok.com/@nossoavojosue/video/7126623459421080838>. Acesso em: 5 abr. 2024.

⁷ Disponível em: <https://www.tiktok.com/@rbreal/video/7105028511122902277>. Acesso em: 5 abr. 2024.

Nos comentários apresentados na Figura 3, nota-se como as lembranças de outros usuários são estimuladas pelo relato da Vó Senhora. Existe um sentimento de nostalgia coletiva, em que os outros usuários recordam de seus familiares, do tempo em que seus avós contavam casos semelhantes aos relatados pela Vó Senhora. Para muitos usuários na rede social em questão, este talvez seja o primeiro contato com esse tipo de caso.

É interessante destacarmos que os casos são vistos como uma forma de tradição oral presente na cultura popular (Benjamin, 1985). Os casos servem como ferramenta importante para a compreensão das nuances da memória coletiva, revelando como diferentes grupos sociais constroem, preservam e compartilham suas histórias, consolidando, assim, o patrimônio cultural e a identidade de uma sociedade.

Ainda que não exista um consenso, sabe-se que as práticas de obtenção de relatos orais, por meio dos preceitos teóricos-metodológicos da História Oral, não adotam um compromisso taxativo em relação às memórias da ordem do vivido, tampouco distinções entre memórias herdadas e imaginadas. “O principal paradoxo da História Oral e das memórias é, de fato, que as fontes são pessoas, não documentos” (Portelli, 1996, p. 60). A realidade contida nesses relatos advém de uma posição subjetiva do próprio sujeito no mundo. O fato é que nessas narrativas observamos a relação desses indivíduos com suas experiências, as questões do mundo, numa dimensão mais orgânica e menos “arquitetada”, “controlada”. São essas experiências que nos ajudam a construir imaginários e sentimentos de identificação e pertencimento.

Para Alonso (2019, p. 40), a História Oral não se “interessa em simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência dos outros. Cada depoimento, cada fato narrado deve ser alvo de reflexão, análise e interpretação, as quais podem ser abertas e múltiplas”. Por esta perspectiva, os relatos orais sobre o passado, ao contrário do que muitos autores ajuízam, não possuem um compromisso com o retrato de uma memória puramente vivida por parte do indivíduo. Há de se ressaltar que muito de nossa memória passa por processos de reconfiguração; em muitos casos, as memórias imaginadas se atrelam às memórias vividas ou herdadas. Nesse entendimento, também situamos a plasticidade da memória, a capacidade imaginativa do ser humano em confabular e elaborar a realidade. Assim, na busca por uma certa unidade às suas lembranças, as memórias recalçadas se entremeiam as pulsões afetivas do indivíduo no momento em que são reconstituídas e, assim, retrabalhadas, confabuladas e enquadradas, num processo dinâmico e intrínseco à memória.

As memórias obtidas por meio dos relatos orais servem como base para compreensão da nossa sociedade do/no tempo presente. As lembranças obtidas através do uso da técnica servem como base para pensar em nossas construções identitárias, no tempo presente e nas ações que serão desencadeadas no futuro. Nos projetos de investigação da História Oral, “não se verifica a posição de memórias concorrentes e sim de argumentos que se opõem em busca de um diálogo” (Meihsy, 2006, p. 199).

Para os estudiosos como Halbwachs (2003) e Pollak (1982), a cada vez que

acionamos as nossas lembranças, inserimos novos traços as nossas lembranças e esse retrabalho da memória nos permitem fazer releituras distintas sobre aquilo que fora constituído. Assim como os métodos empregados por diferentes entrevistadores na obtenção da História Oral podem levar a diferentes níveis de interpretação e sentidos de produção de memória (Cassab; Ruscheinsky, 2007).

Os relatos apresentados por esses atores sociais não são transpostos apenas para essa plataforma como forma de documentar suas lembranças em meros registros audiovisuais. As rememorações no âmbito das plataformas digitais servem como forma de estímulo à aprendizagem e à reflexão.⁸ Para esses usuários em rede, vemos a transferência de uma memória herdada, que se perpassa às próximas gerações (Pollak, 1992). No comentário do vídeo de *Vó Senhora*, um usuário externaliza: “amo esse caso, no interior ficamos até tarde da noite ouvindo os mais velhos contar era bom demais”.

A intenção do caso relatado por *Vó Senhora* não tem como premissa reconstituir uma história verídica – embora outros usuários atestem um certo grau de veracidade à história, ao entender que os seus antepassados partilhavam da mesma memória. Mas, de tal forma, observamos que esses relatos catalogados servem como base para que outros usuários tenham acesso a essas vivências e experiências; é um retorno ao passado que parece funcionar como um acalento, um sentimento de compensação em função dessa irreversibilidade do tempo (Huyssen, 2000). Neste aspecto, vemos, portanto, uma democratização nos modos de acesso a essas lembranças, e na compreensão do tempo presente a partir desse exercício de contemplação do passado, possibilitado pela convergência das mídias (Jenkins, 2009).

Se temos ciência da plasticidade da memória, e que o indivíduo não exerce controle sobre ela, conforme discorre Pollak (1992), seria interessante observarmos como essas práticas caseiras de obtenção das narrativas orais podem ser úteis à compreensão da oralidade no tempo presente. Sabemos que nem todas as nossas lembranças retornam no tempo em que gostaríamos. Assim como, durante uma sessão de entrevista com um pesquisador, muitas memórias podem ser recalçadas em função de questões tanto intrínsecas ao indivíduo, quanto extrínsecas ao controle do pesquisador.

Nesse sentido, percebemos que a vontade de quem rememora suas lembranças frente às câmeras configura-se como um fator importante para entendermos como esse indivíduo se demonstra confortável em relação às suas experiências e lembranças que são estimuladas e reconstituídas nessa interação com o interlocutor. Conjecturemos a seguinte situação: um indivíduo participa de uma reunião familiar com indivíduos que não os veem há anos, ao rever determinados entes familiares, passa-se a recordar de outras lembranças ligadas aos membros do seu quadro familiar ou aos seus quadros

⁸ Esse argumento se assenta nos escritos de Benjamin (1985) ao concordar que a oralidade é entendida como um meio capaz de transmissão e produção de conhecimento autêntico, como também enquanto forma de resistência à dominação cultural. Segundo o autor, é na oralidade que as tradições e as vozes marginalizadas ganham novos contornos, novas nuances, servindo como um senso de autenticidade.

de referência, como postula Halbwachs (2003). As lembranças que se reconstituem são possíveis graças ao momento propiciado pelo reencontro e, principalmente, pela forma como esse indivíduo encontra-se afetado. Evidentemente que, para aquele grupo, as lembranças desse indivíduo podem conotar um valor imensurável, dada a dimensão afetiva atribuída pelos membros constituintes daquele grupo. Neste caso, o ato de registrar e compartilhar essas lembranças torna-se uma prática mnemônica importante àquele núcleo familiar – como também pode funcionar como um registro importante para outros usuários interessados nesse “retorno ao passado”.

Observando os casos empíricos apresentados neste estudo, notamos como esses indivíduos sentem-se confortáveis com os seus netos para partilhar suas vivências, na medida em que esses interlocutores questionam, interagem e demonstram-se interessados em seus relatos. Sob essa perspectiva, entendemos que os modos de afetação do indivíduo, o modo como o mesmo encontra-se mais confortável para se expressar e compartilhar determinadas lembranças com outros membros da família, são aspectos primordiais nesse processo de empreendimento da memória – e devem ser vistos, na medida do possível, como práticas legítimas e autênticas. São lembranças que pouco provavelmente seriam reconstituídas e obtidas com certa facilidade pelo pesquisador, dadas as condições de produção de memória que envolvem tantos outros fatores, como temos discutido neste trabalho.

A formalidade é *per ipsum* uma forma característica capaz de suscitar afetos. No trabalho de campo, ao realizar uma investigação, “é importante que o pesquisador em História Oral tenha comportamento profissional, compromisso pessoal e político de uma atitude de respeito ante aos fornecedores de informações” (Cassab; Ruscheinsky, 2007, p. 21). Conforme Le Breton (2009) argumenta, somos sujeitos afetados, tocados pelas afecções. As afecções variam conforme o tempo, o espaço, o local em que nos situamos, e, sobretudo, pelo nosso repertório cultural. E as nossas memórias, especialmente as lembranças afetivas, dependem da forma como somos afetados pelas afecções (Le Breton, 2009). A depender das circunstâncias em que o indivíduo se insere, e como suas lembranças são instigadas pelos objetos ao seu redor, suas memórias adotam sentidos diferentes, sendo que esses mudam conforme o mesmo socializa com os demais.

Por suposto que tais registros partilhados na plataforma estão atravessados por sensações e afetos particulares, os quais evidentemente não podem ser tomados como um relato formal, como propõem as metodologias convencionais da História Oral. Todavia, acreditamos que este enquadramento empírico não visa marginalizar ou deslegitimar o valor afetivo desses relatos, em decorrência das condições em que foram extraídos, renegando assim a importância dessas lembranças para aquele grupo ou para outros indivíduos que venham a se identificar com os relatos apresentados.

Com base nos exemplos citados, nota-se que não são, necessariamente, os próprios idosos que fazem o uso do TikTok para empreender suas memórias, mas sim os netos

– que podem (ou não) fazer com certa intencionalidade, a qual precisa ser avaliada criticamente, principalmente para fins de monetização. Sob essa ótica, possivelmente, as histórias são previamente selecionadas e editadas para atender interesses específicos do produto de conteúdo. Sabemos que esses conteúdos mobilizam a audiência e que o interesse do público por esses relatos pode ser revertido em monetização, graças a essa “tiktokização” da vida contemporânea.

Ainda nessa incursão, faz-se necessário ressaltar os aspectos ligados à arquitetura informacional da rede, como os processos de algoritmização, que prioriza vídeos com maior probabilidade de engajar seus usuários, levando em consideração o tempo de visualização, a taxa de retenção e a interação do usuário com esses conteúdos. Isso implica concordar que determinados conteúdos são concebidos estrategicamente, tendo como base essa lógica. Todavia, essa premissa parte de uma lógica que, *a priori*, atravessa a nossa discussão e que parece dizimar os esforços trilhados até aqui, dentro dessa compreensão.

Ora, não se pode determinar, numa perspectiva globalizada, se quem faz esse tipo de conteúdo parte de tal intencionalidade. A monetização, por suposto, pode tratar-se de uma consequência. Além disso, devemos destacar que muitos usuários não se qualificam para monetizar os seus vídeos, conforme a política da própria plataforma.⁹ Esse pensamento sugere, por essa ótica, que quem partilha esses relatos, partilha pensando na perspectiva do capital, das narrativas que são mais “atrativas”, e com alto potencial de propagabilidade. Se entendemos dessa maneira, evidentemente teríamos uma ultrapassagem do limite ético entre o entrevistado e o entrevistador. Tendo atingido este ponto de reflexão, se não podemos determinar que todos os usuários da rede partilham os seus relatos com base nessa intencionalidade, este ponto requer certo cuidado e tampouco demonstra-se como uma problemática de fácil resolução.

No caso do perfil de “Vó Senhora”, em comparação aos dois perfis supracitados, esse interesse mercadológico parece se tornar visível quando observamos que, além dos causos contados pela mesma, existe uma diversidade de outros conteúdos que exploram a relação avó-neto em diferentes níveis. Determinar as matrizes dessas relações figura-se enquanto uma problemática complexa, e somente trabalhos de maior envergadura podem dar sustentação às problemáticas apresentadas.

Nessa discussão, chamamos atenção também para a forma como essa “tiktokização” dos relatos orais na plataforma orienta os modos como lembramos e esquecemos de determinados assuntos. Como discutimos anteriormente, os conteúdos que circulam na plataforma dependem de lógicas algorítmicas para serem entregues e visualizadas. Isto significa que o algoritmo analisa o comportamento dos usuários, como vídeos que eles assistiram, curtiram, compartilharam e comentaram, a fim de identificar padrões e preferências. Com isso, no hábito da recepção desses conteúdos, existe também um enviesamento algorítmico na forma como determinados relatos devem ser endereçados

⁹ Disponível em: https://support.tiktok.com/pt_BR/business-and-creator. Acesso em: 5 abr. 2024.

aos usuários – sobretudo pelos modos como as lógicas algorítmicas podem nos afetar, desencadear sentimentos, novas formas de compreender o tempo presente, estimulando o consumo de narrativas diversificadas e, por vezes, descontextualizadas.

Este trabalho parte de uma problemática ainda em estágio embrionário e, sendo assim, os desafios e os princípios que versam entre a História Oral e o uso da oralidade por produtores de conteúdos requer um aprofundamento maior, com base nas incursões realizadas nos encaminhamentos para os apontamentos finais levantados por este trabalho.

O usuário enquanto produtor de memória: apontamentos finais

Neste trabalho nos propusemos a refletir sobre a forma como os relatos orais podem ser compreendidos nas práticas caseiras de produção de memória, sobretudo nos seus modos de produção e circulação no âmbito da cultura da convergência midiática. No curso da análise foram mobilizados casos empíricos que nos permitissem compreender essas práticas caseiras de produção de memória nas redes sociais. Observamos como as plataformas digitais podem ser espaços propícios para o empreendimento do passado de comunidades, famílias e outros indivíduos, em que o usuário adota uma postura ativa face à convergência midiática e torna-se um produtor de memória de seu próprio passado.

Todavia, como apontado pelos pesquisadores, existem certas problemáticas que fragilizam essa “tiktokização” do registro oral na plataforma. Ainda que a monetização seja uma consequência não projetada de uma ideia altruísta de registrar as memórias dos avós, a constante alimentação e a diversidade dos conteúdos dessas contas podem indicar a “ultrapassagem da linha” ética em função de interesses financeiros bastante expressivos, que mobilizam seus agentes na produção desses relatos. Se por um lado temos a possibilidade de ampliação do acesso a essas lembranças, por outro temos a escassez de procedimentos e elementos que nos permita analisar a “integridade” desses relatos.

Esta investigação não tem como premissa esclarecer ou apresentar soluções para as problemáticas apresentadas ao longo do percurso investigativo. Com base nos argumentos apresentados, é provável que, numa perspectiva transdisciplinar, dentro desse processo de produção de conteúdo sobre a memória, possamos ampliar essa discussão. É preciso entender que os meios e as mídias possuem um potencial de transformação e compreensão crítica da sociedade, e que tal aspecto deve ser entendido como um objetivo comum a todos aqueles que usam dessas plataformas para produzir e interagir com conteúdos mnemônicos. Este esforço de pesquisa amplia as possibilidades e os desafios que envolvem pensar a História Oral e a memória no âmbito da cultura digital e da convergência midiática.

O olhar para as práticas caseiras de produção de memória pode ser repensado, para além dessa questão do próprio compartilhamento desses episódios rememorativos. Além disso, podemos discutir, também, possíveis direcionamentos para habilitar os indivíduos na compreensão crítica desse empreendimento da memória. Nesse sentido, promover a literacia midiática desses sujeitos e habilitá-los criticamente no domínio de suas competências midiáticas, parece-nos interessante nessa conscientização do indivíduo acerca dos processos constitutivos da memória, dada às circunstâncias de produção e circulação de suas lembranças, bem como os processos de produção de sentido da memória no âmbito da cultura digital.

Para o campo das pesquisas em História Oral, estima-se que o grande desafio talvez seja como avaliar e utilizar esses fenômenos de produção de memória caseira como um movimento legítimo, que nos permita ler o tempo presente. Sob a nossa perspectiva, acreditamos ser necessário problematizar com mais densidade essas questões e, sobretudo, os modos como o indivíduo produz e consome memória, como também compartilha suas lembranças no âmbito das redes sociais. Se testemunhamos grandes transformações no *modus operandi* dos meios, julga-se necessário repensar, também, a questão de como os indivíduos dessa cultura convergente produzem e difundem nas plataformas digitais suas lembranças (ou de seus avós), que agora se colocam como uma alternativa ao próprio usuário na obtenção de dados que o permita compreender o seu passado.

Referências

- ALONSO, Priscila de Lima. História Oral: uma janela para a narrativa de Walter Benjamin. *Fênix*, Uberlândia, v. 16, n. 2, p. 27-42, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://www.revistafenix.com.br/revistafenix/article/view/127>. Acesso em: 20 abr. 2023.
- BAUMAN, Zygmunt. *Retrotopia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- BENJAMIN, W. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Obras Escolhidas, 1). p. 197-221.
- CASSAB, Latif Antonia; RUSCHEINSKY, Aloísio. Indivíduo e ambiente: a metodologia de pesquisa da História Oral. *BIBLOS*, Rio Grande, v. 16, p. 7-24, 2007. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/125>. Acesso em: 10 abr. 2023.
- FERREIRA, Jerusa Pires. Os desafios da voz viva. In: VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes (Org.). *Os desafios contemporâneos da história oral*. Campinas: Centro de Memória Unicamp, 1997. p. 59-68.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.
- HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro:

Aeroplano, 2000.

HUYSSSEN, Andreas. *Políticas de memória do nosso tempo*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2014.

JENKINS, Henry. The Cultural Logic of Media Convergence. *International Journal of Cultural Studies*, v. 7, n. 1, p. 33-43, 2004.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. Rio de Janeiro: Aleph, 2009.

JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. *Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável*. São Paulo: Aleph, 2014.

JOUTARD, Philippe. Desafios à História Oral do século XXI. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena (Org.). *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. p. 31-45.

LE BRETON, David. *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*. Petrópolis: Vozes, 2009.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro. *Revista de História*, São Paulo, n. 155, p. 191-203, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19041>. Acesso em: 20 abr. 2023.

OLIVEIRA, Janderson Carneiro de; BERTONI, Luci Mara. Memória coletiva e teoria das representações sociais: confluências teórico-conceituais. *Gerais*, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 244-262, jul./dez. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.36298/gerais2019120205>. Acesso em: 19 abr. 2023.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTELLI, Alessandro. A Filosofia dos Fatos. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2. p. 59-72, 1996.

ROLLEMBERG, Denise. Esquecimento das memórias. In: MARTINS FILHO, João Roberto Martins Filho (Org.). *O golpe de 1964 e o regime militar*. São Carlos: EdUFSCar, 2006. p. 81-91.

ROTA, Alesson Ramon; NICODEMO, Thiago. Arquivos pessoais e redes sociais: o Twitter construído como documento histórico. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 79, p. 268-291, 2023. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/88665>. Acesso em: 4 abr. 2024.

SANTOS NETO, Valdemir Soares dos; BRESAN JÚNIOR, Mario Abel. A estetização do movimento punk na/pela indústria cultura: do esgotamento político à busca pela nostalgia. *Crítica Cultural*, v. 17, n. 2, p. 103-113, jul./dez. 2022. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Critica_Cultural/article/view/18539. Acesso em: 26 jul. 2023.

SILVA, Sonia Maria de Meneses. A “musealização” do presente: mídia, memória e esquecimento, questões para pensar a história hoje. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 123-135, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3381/338130370006/html/>. Acesso em: 15 jun. 2023.

SILVA, Adriana Casini. Um zoom nos desafios metodológicos de fazer História Oral em tempos de pandemia: confluências e adaptações tecnológicas de uma investigação de História da Educação. *História Oral*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 153-172, 2022. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/1271>. Acesso em: 20 abr. 2023.

YOW, Valerie Raleigh. *Recording Oral History: A Guide for the Humanities and Social Sciences*. Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2014.

Recebido em 24/04/2023

Versão final reapresentada em 13/09/2023

Aprovado em 15/09/2023

Contribuições dos autores: Valdemir: Concepção da pesquisa, investigação, administração do projeto, supervisão, redação do rascunho original, redação, revisão e edição; Mário: supervisão, revisão e edição.

Fonte de financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Bolsista.

Conflitos de interesse: nada a declarar.